

## 4

### **A Violência Doméstica Praticada Contra Crianças e Adolescentes – Uma Experiência no Centro de Atenção e Integração à Criança e ao Adolescente – CAIC**

A violência doméstica praticada contra crianças e adolescentes é uma realidade que embora antiga, ainda se perpetua na realidade mundial. As diversas formas de violência, especialmente aquelas praticadas por pais e/ou responsáveis em crianças e jovens, é ainda presente no nosso cotidiano e aparece de forma evidente em instituições públicas e privadas.

Nesse sentido, o atendimento no Centro de Atenção e Integração à Criança e ao Adolescente - (CAIC) onde atuo como psicóloga clínica, esta realidade se evidencia através das famílias que procuram apoio de uma equipe técnica para solucionar problemas de comportamento de seus filhos. O CAIC atua nas seguintes áreas: pediatria, enfermagem, serviço social, psicologia e odontologia.

A minha atuação se concentra no campo da psicologia clínica, onde abrange o atendimento à família que procura ajuda para os filhos que estão desenvolvendo algum tipo de distúrbio no comportamento.

Em decorrência de minha experiência de 10 anos no atendimento com famílias e dos relatos compartilhados por pais e/ou responsáveis, pude refletir sobre os motivos que levaram os pais a procurar ajuda psicológica para seus filhos e as consequências desaguadas no comportamento destes. Nesse sentido, os pais preenchem a ficha de Roteiro de Anamnese, constando: identificação da criança ou do adolescente e dos pais; idade; escolaridade; onde mora; com quem mora; profissão dos pais; o motivo da consulta; como surgiu e quando se apresentou o sintoma; qual a causa do sintoma; o histórico pessoal; se a gravidez foi planejada ou não; parto; pós-parto; se amamentou; o desenvolvimento psicomotor; linguagem; controle dos esfíncteres; sexualidade; sono; escolaridade; atividade lúdica e sociabilidade; as características da criança ou do adolescente; o ambiente familiar; a criança no dia-a-dia. Desse modo, permitindo a construção de um vasto campo de pesquisa social, a fim de investigar a problemática social, principalmente as relações familiares, suas causas e consequência.

Assim sendo, pesquisar a família requer habilidades para adentrar num grupo particular, fechado e seletivo. Vale ressaltar, que existe uma dinâmica no ambiente familiar de relações afetivas e emocionais, é um espaço regido por normas e regras pautado pelos pais, quanto aos sigilos domésticos. Segundo Carvalho (2005, p.46) “A família como expressão máxima da vida privada é lugar da intimidade, construção de sentidos e expressão de sentimentos, onde se expõe o sofrimento psíquico que vida de todos nós põe e repõe”. Daí, quando o filho começa a apresentar algum tipo de problema, geralmente escolar e comportamento de agressividade, os pais passam a visualizar como problema o comportamento do filho. Tais comportamentos fazem com que os pais procurem ajuda, saindo do limite da família e vão procurar os centros de saúde a fim de descobrir os motivos que estão levando seus filhos a não se interessarem pelos estudos, pelo comportamento de mentira, roubo e agressão aos irmãos, tema central na atualidade.

Para Guerra (2008, p.163):

Pesquisar este tema significa pôr a nu as contradições da família, a qual, se, por um lado, deve ser responsável pela integridade de seus membros, transmitir sentimentos de paz e de amor, por outro, ao impor o modo violento de viver a alguns deles, acaba por revelar uma face cruel de opressão, em que a violência significa o ápice.

Selecionamos sessenta Roteiros de Anamnese do ano de 2010, em que os pais/ responsáveis apresentavam as seguintes queixas de seus: comportamento agressivo; comportamento de mentira e roubo, comportamento de oposição, dificuldades de aprendizagem, agitação, inquietação, irritação, desobediência, rebeldia, nervosismo, desinteresse escolar, crueldade contra animais. Desses, retiramos uma amostra de 10%, totalizando seis casos. Sendo assim, sorteamos seis Roteiros de Anamnese, que chamamos de caso I; caso II; caso III; caso IV; caso V e caso VI.

A seleção dos sessenta casos atendidos no ano de 2010 demonstrou que essas crianças e adolescentes convivem na grande maioria com famílias cujos pais são separados, possuem histórico de violência física e psicológica, de fatores financeiros precários, culturais e estruturais comprometidos.

Alguns pais atendidos no CAIC relatam que eles próprios foram vítimas de violência quando criança, outro fator detectado é quando o filho não é planejado,

causando problemas para a mãe, pois o pai não assume por duvidar da paternidade. Diante desse dilema, a mãe passa a gravidez com muitos conflitos emocionais, de tristeza, depressão, raiva e medo. Outras chegam bater na barriga como se estivesse projetando no feto a raiva do pai, caem propositalmente ou ingerem chás caseiros e medicamentos afim de provocar o aborto.

Esses casos são freqüentes na prática profissional que atuam em Unidades de Saúde na zona leste, considerada a mais violenta da cidade de Manaus. Esses fatores são rotineiros no ambiente familiar, que predispõe à violência física e psicológica, podendo ocasionar conflitos intrafamiliares.

Para o Ministério da Saúde (2006), violência intrafamiliar é aquela que ocorre no lar. As pesquisas sobre o tema têm mostrado que, geralmente, a violência é uma forma de comunicação e de relação interpessoal. Quando numa casa se observa maus-tratos e abusos contra algum de seus moradores, é quase certo de que todos acabam sofrendo agressões, embora com diferenciações hierárquicas. Para alguns teóricos como Azevedo, Guerra, Minayo entre outros, as crianças são as maiores vítimas, pois a raiva, os ressentimentos, as impaciências e as emoções negativas dos outros membros as atingem como se elas fossem uma válvula de escape. Sendo assim, a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes costuma ser funcional, provocando uma espécie de homeostase. Sua fragilidade física e de personalidade as tornam alvos fáceis do poder dos adultos.

Os dados coletados através dos atendimentos no CAIC no setor de psicologia através dos Roteiros de Anamnese demonstraram que a violência familiar se manifesta através de alguns tipos de comportamentos emanados dos pais e/ou responsáveis, por exemplo: a falta de diálogo entre pais e filhos, ausência de expressão de afeto e respeito, irritação e impaciência. Também sob efeito do álcool ou outro tipo de droga o pai se torna violento, batendo na mãe na frente dos filhos. No caso de uma mãe que foi violentada pelo padrasto aos 13 anos e passou a se drogar, se envolvendo com outra pessoa drogada, desta relação concebeu três filhos, que presenciavam a violência física e sexual do pai contra a mãe. Os mesmos estão comprometidos na esfera emocional, psíquica, intelectual como transtorno de aprendizagem escolar, comportamento anti-social e comportamento de violência exacerbada.

Nesse sentido, o contexto familiar possui a mais delicada função de construir seres humanos capaz de viver em grupo. É o princípio da existência de

uma pessoa, sua estrutura de personalidade, seu caráter, seu desenvolvimento psicossocial. É na família como raiz modelar dos comportamentos desempenhados pelos membros em sociedade; é a formadora da primeira identidade social, a partir daí, constrói-se uma ideologia capaz de construir os valores morais e espirituais em seus filhos. Porém, muitas famílias atendidas no CAIC, deparam-se com comportamentos de rebeldia, desinteresse escolar, violência da criança ou do adolescente, levando os pais a procurarem ajuda profissional, muitos alegam ter perdido a autoridade sobre seus filhos, e alguns casos pelo mal comportamento dos pais.

De acordo com Soares (2011),

Muitos pais reclamam da rebeldia de seus filhos: crianças que não querem estudar; adolescentes que fogem da escola; jovens e adolescentes que se envolvem com as drogas. Some-se a isso, também, as facilidades para relacionamentos sexuais ilícitos; a influência nociva dos meios de comunicação de massa; dentre outras questões graves de nossos dias. Mas, devemos também olhar o outro lado da moeda, e lembrar do afrouxamento do controle do comportamento dos filhos por parte de pais que não querem provê-los de uma educação responsável. O fato é que filhos-problemas podem revelar a existência de pais-problemas. A psicologia tem mostrado que quando um filho se envereda pelo caminho das drogas, a família já ficou doente antes.

Nesse sentido, os atendimentos ocorridos no setor de psicologia, demonstram que a família de classe média-baixa, público-alvo dos atendimentos feitos pelo CAIC, passa por transformações profundas no campo econômico, cultural, ideológico e ético. Motivos que podem contribuir para a crise que vivencia a família brasileira.

Nessa perspectiva, algumas famílias atendidas no CAIC os pais demonstraram falta de limites na educação dos filhos, modelos distorcidos, por exemplo: discussões entre os pais com envolvimento de agressões física e verbais, palavras pejorativas, abandono de um dos pais, a embriaguez geralmente do genitor, que ao chegar em casa põe a mulher e os filhos para fora de casa, através de violência física e psicológica, ou não fornece o alimento essencial para mulher e filhos, deixando-os passar fome.

Nesse sentido, o ambiente familiar torna-se hostil, desarmonioso, provocando transtornos no comportamento da criança e do adolescente,

principalmente pertinente às questões das inter-relações sociais e problemas emocionais.

De acordo com Santos apud Veronese e Costa (2006, p. 66):

Ela (a família) não é apenas um grupo social fundado na emergência bionômica como a explicação meramente fisiologista pretende estabelecer, pois o homem não é apenas corpo. Tem ela um fundamento psicológico e um fundamento social, pois tende a prolongar-se e constitui-se nos filhos, que advêm, já que a família, concretamente, não é apenas o par, mas também os filhos e, ademais, tem o seu papel histórico-social, e ainda o sobrenatural, pois ao constituí-la, o par não tende apenas a satisfazer as necessidades de origem fisiológica. Há uma identificação, uma comunhão em algo superior, pois, do contrário, não há propriamente família, mas apenas um ajuntamento, que pode ser cancelado pela lei.

A família no papel de protetora dos filhos também é responsável pela formação de valores morais, éticos e espirituais. A família deveria ser uma importante referência de respeito, colaboração, companheirismo e amor, um porto seguro para os filhos se constituírem enquanto sujeitos de transformação e reprodução de seus comportamentos e ter no ambiente familiar o ponto de equilíbrio para sua vida afetiva, intelectual e psicológica.

A Constituição Federal no artigo 227 assinala que “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e coerção”.

Dessa forma, a Constituição Federal, não está sendo cumprida como é apregoada, pois as instituições infringem os direitos humanos. Assim, é dever da família propiciar uma vida digna para seus filhos, o Estado também precisará fazer sua parte implementando programas sociais consolidados no apoio social e psicológico a família com histórico de violência doméstica.

Foram detectados nos Roteiros de Anamnese: famílias desestruturadas; conflitos nos relacionamentos entre a mãe x pai; pai x filho; mãe x filho; entre os irmãos e avós, essa rede está sendo construída, sem base afetiva, familiar, sem respeito e parâmetros de valores morais, de certo ou errado, sem referência de um modelo aceitável de família e de estabelecimento de bons vínculos nas relações

interpessoais e pais que não manifestam amor pelos filhos. Como postula Silva (2001), “que o amor e a afeição são tão importantes para o bebê e a criança pequena como o é a alimentação”.

Nessa referência sobre a família como modelo a ser seguido o Ministério da Saúde (2001, p. 13), diz que “a família é um grupo de pessoas com vínculos, de consangüinidade ou de convivência. Nessa dinâmica familiar, crianças e adolescentes adotam seus modelos e definem seus papéis na sociedade. O Ministério da Saúde considera que:

A família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos; quem primeiro transmite os valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e a bagagem emocional das pessoas. A dinâmica e a organização das famílias baseiam-se na distribuição dos afetos, criando, no espaço doméstico, um complexo dinamismo de competições. [...] Trata-se, dessa forma, de disputas que estimulam sentimentos ambíguos de amor/ódio, aliança/competição, proteção/domínio entre seus membros. Famílias despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus próprios conflitos a se tornar violentas. (Ministério da Saúde, 2001, p.13-14).

Presenciamos na prática profissional na Unidade de Saúde-CAIC, o que retrata o Ministério da Saúde que adverte, há na dinâmica familiar toda uma fenomenologia de situações ambíguas, que envolve e compromete os membros dessa família que não conseguiu estruturar de forma saudável seus membros, não conseguiu formar cidadãos comprometidos com uma sociedade que também é falha, vivemos tempos difíceis, cada vez mais exigente, coercitivo, sem lei e normas que possam nortear o cidadão, bem visível nos casos atendidos no CAIC, é a família em situação de vulnerabilidade, frente a diversos fatores funcionais, estruturais, conjunturais, e acima de tudo de respeito pelos direitos humanos.

Nessa perspectiva, para Veronese e Costa (2006, p.89), a ‘desestruturação’ familiar pode ser tida como ‘a fonte de todas as carências (materiais e emocionais)’. Para Siqueira apud Veronese e Costa (2006, p. 89) é na família que,

[...] construímos todos os aspectos cognitivos, morfológicos, fisiológicos, afetivos e emocionais da criança. A Psicologia labora sua doutrina na compreensão do comportamento humano no seio da família. É na família que socializamos a criança, projetando-a para a comunidade. A convivência familiar sadia é indispensável para modular o temperamento e instrumentalizar o caráter. Uma sólida estrutura familiar é o grande segredo da estrutura social.

Desse modo, a família é o termômetro da sociedade, por isso, faz-se necessário desenvolver programas que oriente, aconselhe e apóie a família em crise.

As experiências profissionais vivenciadas assinalam a inaptidão de alguns pais que por diversos fatores não conseguem educar seus filhos sem utilizarem-se da palmatória, do cinturão, dos murros e pontapés. Alguns comportamentos que provocam tal descontrole, detectou-se a desobediência, rebeldia, desinteresse escolar, agressão física nos irmãos e nos colegas, o roubo, a mentira. Assim, desencadeando outras consequências como a fuga da casa, o uso de droga, a violência em todas as suas facetas, acarretando sérios problemas cognitivos, emocionais e comportamentais.

Dados indicam que a desestruturação familiar acarreta inúmeros problemas de ordem afetiva, emocional, pessoal etc. Daí darmos a importância necessária para criar políticas sociais voltada à família.

Na prática profissional ouvimos o relato de uma adolescente de quatorze anos, com perfil franzino, não demonstrando a idade cronológica, sua mãe procurou ajuda psicológica porque a filha foge de casa, é agressiva, tem dificuldade de aprendizagem e comportamento de mentira e roubo. A mãe conta que engravidou do primo, e seu pai a espancou, expulsando-a de casa, passando a gravidez na casa de terceiros, sentido muita raiva e tristeza, a criança nasceu com problemas de saúde e com fissura labial. Para a adolescente a mãe é muito agressiva, age com crueldade, pisando em seu pescoço comprimindo-a ao chão, dizendo: *“pensei que ia morrer”*, por isso prefere ficar na rua com os colegas do que em casa.

Nesse sentido, o que levou a mãe a ser cruel com sua única filha, temendo que seu exemplo fosse repetido por sua filha. Por isso, internou-a numa Instituição Filantrópica, onde a menina passava o dia todo. O relacionamento entre mãe e filha é problemático, sem diálogo, sem carinho e respeito. Esta menina cresceu com uma mãe frustrada, altamente agressiva, que a aprisionava em casa, usava de palavras pejorativas contra sua filha, por esta gostar de está na rua para não ser violentada física e psicologicamente por sua mãe, suas fugas no lar traduzia seu desprazer de está com sua mãe.

De acordo com Galdino apud Chess; Hassibi (1982, p. 128), “[...] estudos de famílias de crianças maltratadas revelaram que, embora o mau

trato de crianças não seja raro em famílias de classe média, as famílias pobres, desempregadas e desprivilegiadas tendem mais a infligir excessiva punição física em seus filhos”. Não queremos com isso generalizar que o problema exista somente em classes médias ou pobres, as estatísticas apontam que a violência perpassa todas as classes sociais, e os maus-tratos principalmente contra a criança tem sido divulgado nos meios de comunicação em massa nas mais diversas esferas do contexto social.

No que se refere a compreensão da violência doméstica, duas concepções devem ser especialmente analisadas, a questão da violência familiar e as dinâmicas familiares. Nesse modo, a violência familiar parte dos maus-tratos impostos por pais aos filhos e as dinâmicas familiares ocorre no ambiente doméstico onde o clima familiar é hostil, decorrente de discussões constantes, a frieza afetiva entre si, a falta de respeito e ausência de diálogos entre seus membros, causando desequilíbrio familiar.

Para Minayo e Souza (2003, p. 170):

Mais de uma centena de textos sobre maus-tratos contra crianças e adolescentes foram encontrados na produção da área da família. Esse dado quantitativo evidencia o que vem se percebendo no país: o aumento da preocupação com a criança e o adolescente que são vítimas, principalmente, de maus-tratos em suas próprias famílias.

[...] os termos maus-tratos na família e violência familiar, entendendo-os como a violência que se manifesta nas relações interpessoais que ocorrem entre os membros de uma família, através de atitudes, omissões ou ações de caráter físico, sexual, verbal, emocional e moral de uns com os outros, causando prejuízo a um ou mais dos familiares. As crianças e adolescentes costumam ser vítimas privilegiadas, por serem hierarquicamente menos poderosos no equilíbrio familiar e pelo grau de fragilidade e dependência próprios da infância e adolescência.

Portanto, compreender a dinâmica familiar e suas transformações na contemporaneidade permitirá um manejo mais eficaz e de melhor qualidade, no que se refere a qualidade das relações estabelecidas e uma boa comunicação intrafamiliar. Nas considerações de Reis in: Lane e Godo (2007, p.99), ao definir sobre família como:

“ [...] base da sociedade e garantia de uma vida social equilibrada, célula sagrada que deve ser mantida intocável a qualquer custo. [...] a importância da família tanto ao nível da vida das relações sociais, nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros”.

Nessa dinâmica familiar, crianças e adolescentes adotam seus modelos e definem seus papéis na sociedade. Pois a família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos; quem primeiro transmite os valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e a bagagem emocional das pessoas. A dinâmica e a organização das famílias baseiam-se na distribuição dos afetos, criando, no espaço doméstico, um complexo dinamismo.

Para o Ministério da Saúde (2001, p.14), “é preciso compreender a família como uma estrutura que se modifica segundo contextos sociais, culturais e históricos”. Desse modo, a família é um fenômeno capaz de influenciar toda uma estrutura nos estratos sociais, afetivos, e comportamentais.

Nessa perspectiva, a família detém um poder para influenciar o desenvolvimento físico e mental da criança e do adolescente, é nesse contexto que serão construídos a história de vida de seus membros.

Assim, nas contribuições de Ajuriaguerra e Marcelli (1991, p.340), a família é que:

[...] desempenha um papel fundamental, tanto no desenvolvimento de um processo patológico, quanto naquele dito normal [...] o problema da carência afetiva, depois os desvios patológicos da relação pais-filhos (crianças vítimas de maus tratos, pais doentes mentais, crianças vítimas de incesto ou incestuosas), e por fim, os problemas colocados pelas famílias incompletas ou em crise [...].

Na prática comunitária, atendemos crianças com comportamentos agressivos, anti-sociais, frieza emocional, indiferença, crueldade com animais e contra os pais e irmãos. Perguntei a uma criança de oito anos, “você acredita em Deus?”, ele respondeu: “se Deus existisse meu pai não batia na minha mãe”. Esse menino é altamente agressivo na escola e com os irmãos. Desde o nascimento passou a conviver diariamente com o pai batendo na mãe e nos irmãos, não suportava ser frustrado que desencadeava uma onda de furor, capaz de enfrentar qualquer pessoa.

Muitas crianças e adolescentes são afetadas em seu emocional por conviverem em lares carentes de amor, carentes de alimentos, carentes de modelos saudáveis, carentes de referências, carentes de comunicação e assim, vão sendo gradativamente prejudicadas em sua estrutura psicossocial, decorrente de

suas vivências nos lares em desarmonia e desenvolvendo comportamento anti-social, são propensos à violência doméstica.

De acordo com Chess e Hassibi (1982, p.155) “Lares em desarmonia, pais sociopatas e disciplinas inconsistentes são fatores associados com a continuação do comportamento anti-social da criança na vida adulta, [...]”. Além disso, esses lares tendem a prática da violência doméstica.

Nessa reflexão, o impacto que é desencadeado pela violência, tanto física, quanto psicológica, pode produzir um efeito dominó no sistema neuropsicológico<sup>2</sup>. Uma ação coercitiva contra uma criança ou adolescente influenciará de forma traumática sua estrutura emocional e afetiva, seus relacionamentos interpessoais e habilidades de aprendizagem.

Como nos diz Silva et al (2002, p. 48) “o ato violento pode decorrer de uma ação psíquica e/ou somática, mas sempre acarreta uma dor e trauma psíquico [...] ainda que na violência física sobressaia a dor somática, é sempre a dor psíquica que vigora como fator traumático e desestruturante da personalidade”.

Algumas experiências de violências física e psicológica ocorridas no contexto familiar repercutem em toda a existência de uma pessoa, principalmente quando a criança a vivencia desde os primeiros anos de vida, quando está sendo desenvolvido seu sistema neurológico, fisiológico e mental, seu comprometimento é profundo, acarretando desde comprometimento neurológico; retardo mental; comportamento agressivo; dificuldades de aprendizagem; embotamento afetivo; frieza emocional, não estabelecem vínculos afetivos saudáveis, transformando-os em pessoas frias, problemáticas, e com vários transtornos de caráter.

Assim, faremos uma explanação dos seis casos selecionados, pontuando paulatinamente os relatos dos pais ou responsáveis quando preencheram a ficha de Roteiro de Anamnese.

A mãe exerce um papel fundamental, pois carregou por nove meses aquele filho, muitas não planejaram a gravidez, algumas tentam abortar; outras entregam o filho para o pai, avó materna, avó paterna até para terceiros.

Um dos casos atendidos no CAIC, a mãe adotiva procurou atendimento psicológico para o filho de 9 anos, pois apresentava agitação, medo,

---

<sup>2</sup>Para Dalgalarondo (2000, p.38), a neuropsicologia estuda as funções cognitivas, como a memória, a linguagem, o raciocínio, as habilidades visuo-espaciais, o reconhecimento, a capacidade de resolução de problemas, etc.

comportamento agressivo, teimosia, nervosismo, disperso na atenção e maltrata os animais. Essa criança vem com histórico de abandono, foi adotada por três famílias. Quando chegou na terceira mãe com dez meses de vida. De acordo com o relato da mãe adotiva, a mãe biológica era usuária de droga, que aceitou a criança porque suas filhas já eram adultas, logo após a adoção da criança o marido o marido abandonou o lar, vivendo em condições financeiras precárias, vendendo churrasco para sobreviver. A criança relata que a mãe adotiva bate com cinturão, quando ele bate no neto. Pelos exames neurológico e psiquiátrico, esse menino de 9 anos tem comprometimento neurológico, tem retardo mental moderado, por isso apresenta dificuldades de aprendizagem, porém é educável, mas requer uma educação especial. Demonstra baixa estatura pela idade cronológica, magro, calado, desconfiado, porém extremamente agressivo, por isso, foi medicado pelo neurologista e psiquiatra para inibir seu comportamento agressivo.

Como postula Chess e Hassibi (1982, p. 307):

cuidados pré-natais insuficientes, má nutrição e saúde precária da mãe, está combinada com mil e outras desvantagens, associadas a pobreza, que afetam a integridade do sistema nervoso central bem como a qualidade e quantidade de antecedentes experimentais relevantes da criança.

Através da fundamentação teórica de Chess e Hassibi, e das experiências no atendimentos com essas crianças, podemos efetivamente ajudar as mães grávidas, dar apoio, acolhimento, amparo emocional, espiritual e financeiro, para que possam ser bem alimentadas, nutridas e com isso, contribuir para que aquela criança que virá ao mundo, se sinta amada, querida, afagada, protegida. Esse é nosso papel, se realmente queremos ajudar famílias que estão com sérios problemas em todas as esferas.

Nesse sentido, a violência doméstica contra crianças e adolescentes possuem múltiplas causas: comprometimento de políticas públicas efetivas no combate da desigualdade social; redução da corrupção no País; que o judiciário, executivo e o legislativo, através dos políticos efetivarem leis que garanta salários dignos aos trabalhadores, escolas comprometidas com uma educação eficiente e parceira da família. Desse modo, a violência física e psicológica contra crianças e adolescentes, advêm de uma base familiar desestruturada, pela falta de emprego, por distúrbios psicopatológicos de um dos pais, pela embriaguez de um dos pais,

pelo consumo de drogas ilícitas, pela falta de comprometimento de alguns pais de não reconhecer seu filho, a falta de conscientização de alguns pais dos danos causados pela agressividade que imprimem nos filhos, a falta de diálogo, a falta de atenção, a falta de amor, a falta de respeito, enfim, é preciso repensar o papel da família na educação dos filhos, desconstruindo uma cultura do bater, como forma de educar.

#### **4.1**

#### **Principais Motivos que Provocaram a Prática da Violência Doméstica – Alguns Casos do CAIC**

Os motivos que podem desencadear a prática da violência doméstica são múltiplas, pluricausal, desde a falta de trabalho, a doença física ou mental de um dos pais, a falta de moradia, dependência química de um dos pais, desemprego, incompatibilidade de gênios entre os pais, a falta de compreensão e respeito mútuo.

Através dos dados obtidos a partir dos Roteiros de Anamnese, preenchidos por pais ou responsáveis, descrevendo o comportamento que a criança ou adolescente estava apresentando em casa ou na escola como: comportamentos agressivos, dificuldades de aprendizagem, timidez, automutilações, crueldade contra animais, fúria de raiva, inflexibilidade, frieza afetiva, medo social, apatia, desinteresse escolar e outros.

A partir das informações obtidas na prática profissional, partiu o interesse para pesquisar sobre a violência física e psicológica praticada pelos pais e/ou responsáveis contra crianças e adolescentes no contexto intrafamiliar e os motivos que contribuíam para levá-los a praticar a violência física e psicológica.

Nesse sentido, foi feito um levantamento enumerado de 1 a 60, possibilitando-nos avaliar através do histórico familiar, alguns motivos que levaram os pais a praticar a violência física e psicológica contra seus filhos. Assim, obtivemos os seguintes resultados: a irritabilidade, intolerância e impaciência da mãe, raiva do pai, a dependência química por parte do pai, quando alcoolizado fica agressivo batendo na mulher e nos filhos, gravidez não planejada,

levando algumas mães a utilizarem-se de medicamentos abortivos, socos na barriga, instabilidade econômica, desemprego, a falta de moradia, discussões rotineiras entre os pais, chegando à agressão física e verbal, propiciando um ambiente desarmonioso e o comportamento problemático do filho que se torna rebelde, agressivo, desinteressado pelos estudos, confrontando os pais gerando conflitos na dinâmica familiar.

Embora a presente pesquisa se proponha a analisar uma parcela dos casos atendidos em 2010, o que representa seis casos, optou-se por apresentar um breve perfil do total das famílias atendidas (60 famílias), o que possibilitará uma visão mais ampla dos casos atendidos no CAIC. Desta forma, na análise dos 60 entrevistados, 41 famílias consideram que seu ambiente familiar é desarmonioso, com constantes discussões entre o casal, agressões físicas e psicológicas, falta de diálogo, contribuindo para a prática da violência doméstica.

Nessa perspectiva, na maioria dos conflitos enfrentados pela maioria das famílias pesquisadas, advêm na grande maioria de problemas conjunturais e estruturais, de exclusões e as desigualdades sociais.

Segundo Almeida et al. (2006, p. 32):

Coesão e conflito, exclusão e inclusão, riqueza e pobreza, igualdade e desigualdade convivem como marcas da nossa sociedade capitalista periférica. [...] a questão social é construída e reconstruída nos marcos da determinação, da organização da sociedade de referência em que se encontram implicados – a nação, o Estado, a cidadania, o trabalho, o gênero, a infância e a adolescência, etc. -, devendo ser reconhecida, considerada criticamente e enfrentada pelos responsáveis.

Desse modo, a família está mais exposta às influências imposta pela desigualdade social através das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, quanto à questão da baixa escolaridade; da falta de qualificação profissional; do desemprego e um alto índice de trabalhos no terceiro setor, justamente por falta de qualificação de trabalho.

Nessa perspectiva, Almeida et al. (2006, p. 33) considera que:

Vivemos tempos de perplexidades em que impera a lógica da exclusão e desenvolve-se a cultura da insensibilidade (proximidade física e distanciamento social): a precarização do trabalho, o desemprego estrutural, os inutilizados socialmente, a guetização das cidades, as atividades mafiosas, as violências contra crianças e adolescentes, pais, mulheres, idosos, a miserabilidade no espaço

público, o esvaziamento simbólico de pressupostos éticos como a igualdade, liberdade e justiça social.

Nesse caos se encontra a família com necessidades especiais, despossuída de trabalho, de respeito, de condições mínimas para se manter economicamente para comprar o básico, impactada pelo revés da sociedade e dos problemas conjunturais e estruturais.

Sendo assim, Almeida (2006, p. 33-34) considera que:

Fatores conjunturais, mas, sobretudo os estruturais, são apontados como responsáveis pela concentração de riquezas, salários baixos e juros altos. A solução do problema para alguns se resolveria via estabilidade e crescimento da economia e melhoria da estrutura educacional, que são mecanismos de mercado. Existe correlação entre desigualdade de renda e nível educacional, provocando inclusive lutas sociais. Mas o que temos de fato é um sistema tributário desfavorável à redistribuição de renda e uma agenda pública que não prioriza o social nos gastos públicos e nem nas políticas públicas. É urgente e indispensável realizar a redistribuição de renda no país, ampliando os gastos sociais com a população privada do acesso e dos bens e serviços de que precisa para participar de uma humanidade igualitária e/ou emancipada.

Dessa forma, as famílias investigadas encontram-se na linha da pobreza, executando trabalho no terceiro setor para angariar recursos para comprar o alimento para seus filhos, como lavadores de carro, vendedores ambulantes, camelôs, barraca para vender churrasco e confecção de vestuário, etc. Conseqüentemente esses pais ficam mais propensos a perder o controle emocional, a paciência, pois possuem baixo limiar de frustração se irritando e enfurecendo-se com sua mulher e filhos, podendo enveredar para a violência física, psicológica ou mesmo desaguando sua frustração para a bebida alcoólica e outras drogas ilícitas.

## 4.2

### **O Perfil das Famílias Analisadas – Os Casos de Violência Doméstica Intrafamiliar**

Mencionaremos os dados provenientes dos formulários do Roteiro de Anamnese, levando em conta apenas os detalhes que são importantes à

formulação dos relatos para análise, que nomearemos de caso I, caso II, caso III, caso IV e caso V.

**CASO I** - O Roteiro de Anamnese é de um adolescente de 13 anos, mora com a mãe, padrasto e 3 irmãos. O pai é pedreiro e a mãe é doméstica, o padrasto é autônomo. A mãe procurou o CAIC, pois o filho apresentava comportamento de: mentira, roubo, agressividade e dificuldade de aprendizagem. História familiar: o adolescente a partir de 1 ano, ficava aos cuidados da irmã de 10 anos. Aos 3 anos houve a separação dos pais, decorrente do alcoolismo do pai; aos 6 anos foi morar com o padrasto que é rígido. O ambiente familiar até a separação era conflituoso, com discussões constantes entre os pais.

Percebe-se neste caso que a criança sofreu privação pelos conflitos familiares, carência afetiva pela ausência da mãe.

Para uma compreensão desta fase da adolescência, que vai dos 12 aos 20 anos, é tido como um período transição da infância para a vida adulta, pautado por um aflorar de conflitos intrapsíquicos, capaz de promover mudanças comportamentais por rebeldia, confronto, oposição, conflitos que podem repercutir em atos delinquentes.

De acordo com Kaplan; Sadock; Grebb (1997), a adolescência caracteriza-se por profundas alterações no desenvolvimento biológico, psicológico e social é quando ocorre um processo de mudança física, caracterizado pelo desenvolvimento das características sexuais, processo psicológico de mudança, produção hormonal . Neste caso, o adolescente precisa dar conta deste desequilíbrio e o estresse adicional produzido por esta fase.

Para tanto, o ambiente do adolescente, precisa de suporte das figuras parentais, que o ajude a passar por esta fase tão conflituosa, a família seria seu porto seguro, onde esses pais precisariam ajudar o filho, com diálogo, acompanhamento em suas atividades escolares, demonstrar interesses por suas atividades, evitando atitudes agressivas e apoio emocional.

De acordo com Soares (2011):

Muitos pais reclamam da rebeldia de seus filhos: crianças que não querem estudar; adolescentes que fogem da escola; jovens e adolescentes que se envolvem com as drogas. Some-se a isso, também, as facilidades para relacionamentos sexuais ilícitos; a influência nociva dos meios de comunicação

de massa; dentre outras questões graves de nossos dias. Mas, devemos também olhar o outro lado da moeda, e lembrar do afrouxamento do controle do comportamento dos filhos por parte de pais que não querem provê-los de uma educação responsável. O fato é que filhos-problemas podem revelar a existência de pais-problemas. A psicologia tem mostrado que quando um filho se envereda pelo caminho das drogas, a família já ficou doente antes.

É imprescindível refletir que quando o adolescente começa a demonstrar comportamento tido problemático é porque fatores afetivos, culturais, sociais não foram internalizados de forma clara e prazerosa, registrado em seu sistema cognitivo como algo desprazeroso e assim reproduzindo como forma de rebeldia, desinteresse escolar, gazetando aula, rebeldes com o adulto, a violência revelando como diz o autor, o problema que os pais também estão enfrentando.

Segundo Guerra (2008, p.149): “E esta violência que conduz uma parcela de nossa infância e adolescência a uma vida indigna em termos de alimentação, habitação, oportunidade de escolarização, exploração da sua mão-de-obra, à tortura em instituições que deveriam propiciar o seu amparo, ao seu próprio extermínio”.

Percebemos nos Roteiros de Anamnese, o quanto nossas crianças e adolescentes estão pedindo socorro, por sentirem-se inseguras em seu próprio ambiente familiar, cujos pais preferem bater sem mesmo discorrer sobre o problema apresentado pelo filho. É uma relação sem diálogo, sem proteção, sem carinho e sem controle emocional em alguns casos sem mesmo o alimento para suprir a fome. Assim, percebemos um alto índice de comportamento dos pais agindo com violência tanto física como psicológica contra seus filhos ou enteados e o resultado poderá repercutir no comportamento agressivo e dificuldades de aprendizagem ocasionada por fatores emocionais abalados.

Ao analisarmos a vida emocional dessas crianças a partir da vida intra-uterina, principalmente entre os três primeiros meses, período de formação cerebral como o sistema límbico, amígdala, considerada a sede das emoções, enfim, o próprio estresse da mãe em um ambiente hostil pode provocar diversos fatores que podem prejudicar o desenvolvimento saudável da criança. Para Selye apud Chess e Hassibi (1982) o estresse é um evento que desencadeia certas mudanças fisiológicas no equilíbrio neuro-hormonal do corpo. E assim, produzindo um desprazer entre mãe e filho, como na questão em voga, onde esse

adolescente se gerou, cresceu e está vivenciando conflitos intrapsíquicos capaz de desaguar em problemas comportamentais.

**CASO II** – O Roteiro de Anamnese é de uma menina de 7 anos, que mora com a mãe, pai e irmão de 4 anos. O pai e a mãe na época da entrevista estavam desempregados. Mãe procurou atendimento psicológico com a queixa principal de: comportamento agressivo, desobediência e confronto. Aos 4 anos os pais se separaram se reconciliando posterior, o motivo dessa separação foi porque o pai bateu na mãe. Ambiente familiar se apresenta: a mãe se irrita com facilidade, criança diz que pai bate com ripa e a mãe com cinturão, a criança já presenciou as agressões do pai contra a mãe.

De acordo com Guerra (2008, p. 149-150):

[...] ao lado dessa violência [...] coexiste a violência inerente às relações interpessoais adulto-criança, ou seja, a violência doméstica. Esta tem como referência fundamental o abuso de poder do adulto em relação às crianças e aos adolescentes, violando os direitos essenciais desta mesma infância e adolescência, constituindo-se numa negação de valores humanos fundamentais como a vida, a liberdade, a segurança.

Desse modo, nossas crianças estão sendo educadas de forma desrespeitosa, do momento em que os pais as violentam física e psicologicamente, sendo cerceadas em sua liberdade e direitos humanos, sentindo na pele o desamor de quem os deveriam respeitá-los, protegê-los, afagá-los e amá-los. Vale ressaltar a importância da relação mãe-filho, configurando-se como as primeiras relações objetivas que o bebê estabelece com o outro, e esse relacionamento poderá nortear os demais relacionamentos que a criança estabelecerá com os demais.

Quando a criança consegue construir uma boa relação com a mãe e/ou de quem a cuida, essa criança construirá no seu mundo interno, bons relacionamentos interpessoais, caso contrário, terá uma percepção negativa de seu mundo externo, no contato com outras pessoas.

Ao analisarmos o caso em epígrafe percebemos que o adolescente está inserido num ambiente desestruturado imposto por condições econômicas, estruturais e conjunturais precárias, pois os pais estão desempregados, o comportamento dos pais é de violência física e psicológica. O papel que a mãe está exercendo no lar, quando se irrita e bate no filho está contribuindo para que

este reproduza o comportamento dos pais, agredindo, confrontando e desobedecendo, pois o indivíduo é produto do meio.

De acordo com Ajuriaguerra e Marcelli (1991, p. 350-351):

A existência de uma interação e de maus tratos exercidos por um dos pais sobre seu filho corre o risco de perturbar de modo permanente a organização da personalidade deste último. Além das seqüelas descritas das lesões traumáticas (em particular encefalopatias deficitárias após traumatismos cranianos por vezes repetidos, hematomas intra ou extracerebrais...), as 'seqüelas psicopatológicas' são observadas em diversos níveis. No plano da personalidade, subjacente aos distúrbios de comportamento [...] (quer tendendo à inibição, quer à instabilidade-agitação), trata-se sempre de crianças com dificuldades em desenvolver um sentimento de identidade estável e satisfatório. Sempre duvidam de si próprias, não possuem nenhuma auto-estima. Têm tendência a desvalorizar e subestimar aquilo que fazem e, conseqüentemente, não se atêm resolver a mínima tarefa: a dificuldade e o início do fracasso em suas realizações provoca o imediato abandono e o retraimento. Nada esperando de bom de parte do adulto, não procuram comunicar-se com este e expressar sua vivência interna: as capacidades de comunicação em geral são pobres, conforme atesta a freqüência do atraso de linguagem.

Desse modo, a relação interpessoal entre a criança e o adulto fica comprometida, gerando dificuldades da criança em estabelecer relacionamentos de confiança, provocando o isolamento, a insegurança e assim podendo provocar uma série de transtornos como: comportamento anti-social, baixo limiar de frustração, o comportamento agressivo e a dificuldade de aprendizagem, decorrente dos abalos emocionais ocasionados por sentimentos de medo, raiva e carência afetiva.

**CASO III** – O Roteiro de Anamnese é de um menino de 8 anos, mora com o pai e a madrasta. O pai relata que durante a gravidez a mãe ingeria bebida alcoólica e fumava, teve complicações emocionais. A separação entre os pais deu-se aos 5 anos, a criança ficou com o pai e a avó paterna. Na entrevista com o pai e a madrasta, ambos relatam que a criança apresenta as seguintes queixas: comportamento agressivo, mentira, evacua no calção e conflito com a madrasta, pois não a obedece. Ambiente familiar: para o pai e a madrasta, disseram que é bom, porém é contraditória, pois a relação da criança com o pai e madrasta é conflituosa, pois sofre agressão física e psicológica. Eles relatam que batem na criança porque não obedece. A criança diz que: “assistia o pai bater na mãe

quando ele pegava as mentiras dela”. Disse também que o pai bate de cinturão e madrasta de sandália nas mãos e quando vai para a casa da mãe, esta lhe bate e o chama de imbecil e burro.

Pode-se aqui compreender uma situação cujos pais/responsáveis não conseguem mais educar seus filhos sem utilizarem-se da palmatória, do tapa, do chute, das palavras pejorativas que ferem profundamente os sentimentos de crianças e adolescentes, percebemos que o respeito pela vida se banalizou, como mostra alguns Roteiros de Anamnese.

Segundo Azevedo e Guerra (2010, p. 37):

a mãe, num ataque de fúria, dá um tapa no filho desobediente e travesso. O que fica claro é que o assim chamado tapa limitador – enquanto modalidade do bater nos filhos – é uma resposta colorida pela emoção: a raiva.

[...] É por isso que a raiva – enquanto núcleo de uma das famílias de emoções – pode gerar sentimentos desde a simples animosidade, até uma violência de natureza patológica. Queiram ou não os pais e especialistas, bater nos filhos é um comportamento raivoso. Além disso, é um comportamento que se autoalimenta (raiva gera mais raiva) e que pode se traduzir numa escalada de agressões.

O caso acima representa a falta de habilidades com que os pais lidam com as questões da desobediência dos filhos, levados muitas vezes pela influência cultural de que a desobediência de filho é corrigida com agressões físicas e psicológicas, provocando e afetando o lado mais frágil, onde a ação coercitiva irá fazer com que o filho se adéqüe aos padrões que os pais querem que ele seja, mas não procuram alternativas que não seja por meio de violência. Em decorrência desse comportamento a criança passa a não confiar nos adultos, comprometendo seu relacionamento intrapessoal e interpessoal, isto é, a criança não consegue lidar com seus conflitos internos e estabelecer inter-relações sociais saudáveis.

**CASO IV** – O Roteiro de Anamnese é de um adolescente de 13 anos, mora desde os 6 anos com os avós maternos, irmã de 12 anos e tia de 13 anos, quando a genitora foi morar com o companheiro. A avó procurou atendimento psicológico para o neto, pois foi encaminhada pela escola. De acordo com o relato da avó materna, o adolescente apresenta comportamento rebelde, revoltado, agressivo, mentindo e roubando. Pelo relato da avó materna, a mãe na gravidez ingeriu chás abortivos. O adolescente relata que não gosta do padrasto por este ser agressivo. O ambiente familiar de acordo com a avó materna é “legal”, o adolescente irrita e

desobedece a mãe quando esta vai visitá-lo, demonstrando a raiva por ter sido trocado pelo padrasto, por isso, a agressividade, a revolta, rebeldia.

De acordo com Adorno apud Guerra (2008, p.31),

[...] a violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta óptica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade em um momento determinado de seu processo histórico. A compreensão de sua fenomenologia não pode prescindir, por conseguinte, da referência aos sujeitos que fomentam enquanto experiência social.

[...] ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais [...] está presente nas relações intersubjetivas que se verificam entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objeto, sua coisificação.

A violência é simultaneamente a negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida. Se entendermos como o fez a filosofia política clássica que a liberdade é fundamentalmente capacidade, vontade, determinação e direito “natural” do homem, a violência enquanto manifestação de sujeição e de coisificação só pode atentar contra a possibilidade de construção de uma sociedade de homens livres [...] a violência não é necessariamente condenação à morte, ou, ao menos, esta não preenche seu exclusivo significado. Ela tem por referência a vida, porém a vida reduzida, esquadrihada, alienada; não a vida em toda sua plenitude, em sua manifestação prenehe de liberdade.

Nesse sentido, a violência traduz-se em relação social, em padrões de sociabilidade, em relações interpessoais e nas relações intersubjetivas. Desse modo, a violência para Guerra é a negação de valores considerados universais: a liberdade, quando a criança se priva de ter o amor da mãe, que prefere ficar com o padrasto; a igualdade no caso do adolescente, não se inclui como parte de uma família, em desigualdade de condições de sobrevivência e a vida que deveria ser de plenitude, de amor e de respeito, passa a ser sofrida pela ausência dos pais, fica predisposto a confrontá-los, com rebeldia, agressividade e com comportamento de mentira, roubo gerado pelo sentimento de raiva, rejeição e pela falta de acolhimento dessas figuras importantes para ele.

Portanto, a desestruturação familiar, a desigualdade social e a exclusão pode ter sido um dos fatores que levou o adolescente a reproduzir comportamentos de agressividade, revolta, mentira e roubo.

**CASO V** – O Roteiro de anamnese é de um menino de 9 anos, mora com a mãe, padrasto e uma irmã de 3 anos. Sua mãe procurou atendimento psicológico, foi

encaminhada pelo neurologista, com resultado do EEG de atividade de base desorganizada, a criança apresenta dificuldades de aprendizagem, esquecimento e ansiedade. A criança diz que os primos batem nele, e que mãe bate com ripa nas costas. Mãe relata que na gravidez ingeriu chás abortivos, após o nascimento mãe cuidou da criança até os 2 anos, deu a criança para a tia cuidar, relatando que a mesma maltratava o filho, depois a criança ficou aos cuidados da avó materna. Aos 6 anos a criança foi morar com a mãe. O ambiente familiar é problemático, conflitos entre mãe e o padrasto, pois moram a avó e mais 8 pessoas. Mãe diz que sua relação com o filho é sem diálogo e sem afeto; a primeira palmada a criança estava no 10º mês de vida.

Para Guerra (2008, p. 43):

Nas famílias nas quais existe violência física as relações do agressor com os filhos vítimas se caracteriza por ser um relação sujeito-objeto: os filhos devem satisfazer as necessidades dos pais, pesa sobre eles uma expectativa de desempenho superior às suas capacidades, são vistos como pessoas criadoras de problemas. Por outro lado, pode haver uma idealização da criança ou adolescente: os pais imaginam uma criança/adolescente que não corresponde ao seu filho, e tudo pode representar um motivo para sua rejeição, seja o seu aspecto físico, o seu caráter, o sexo etc. Além disso, podem ser percebidos conflitos familiares significativos, seja entre os pais, seja destes com outros elementos da família (avós, tios etc.). Um outro aspecto interessante que surge na dinâmica entre pais e filhos reside no fato de que as vítimas de violência física devem aprender ser 'responsáveis' por estes quadros de violência, ou seja, as causas do problema são individuais, devem ser hipostasiadas como culpa e jamais remetidas a questões mais amplas que se interligam a problemas familiares, sociais etc.

Nesse sentido, a violência física ou psicológica se traduz como necessária para que os filhos mudem certos comportamentos tidos pelos como problemas, sem se darem conta de que eles próprios foram os modelos dessa reprodução, considerando que a família é o aporte de todos os modelos a serem seguidos.

De acordo com Bolsoni e Marturano (2011),

Os filhos expostos à violência por longos períodos, freqüentemente, comportam-se de forma agressiva e, quando são criados em condições negligentes, tornam-se pouco tolerantes à frustração com pouca motivação para seguirem normas sociais e relativamente imunes ao remorso. Assim, essas crianças ao ingressarem no ambiente escolar, passam a repetir este padrão, que, somando-se às dificuldades dos professores em lidar com as mesmas, faz com que comportamentos inadequados persistam, prejudicando a aprendizagem e a socialização.

Portanto, cabe aos pais a responsabilidade pelo respeito aos seus filhos, apesar de ser um campo complexo, ao se apresentar como ideal e o que a

realidade mostra, pois ocorrem situações em que as funções atribuídas à família não se efetivam e as tarefas feitas aos adultos não chegam a acontecer ou são modificadas e até invertidas, a exemplo das violências domésticas de pais contra os filhos, transformando o ambiente que deveria ser de segurança em lugar desprovido de qualquer forma de respeito e proteção.

O referido caso demonstra as condições precárias no estabelecimento dos vínculos afetivos, econômicos e sociais nas quais a criança foi exposta, prejudicando seu aprendizado, seu neurológico e seus relacionamentos interpessoais, pois a mãe era desprovida de afeto e diálogo com o filho, repercutindo sua estrutura emocional.

**CASO VI** – O Roteiro de anamnese é de um menino 9 anos, mora com mãe adotiva, duas irmãs e duas sobrinhas. Sua mãe biológica o entregou com 1 dia de nascido, o bebê foi repassado para uma segunda pessoa. Chegou na terceira mãe adotiva com 10 meses de vida. Assim, sua terceira mãe adotiva procurou ajuda psicológica com queixa principal: comportamento agitado, medo, agressividade, teimoso, nervoso, sem concentração, demonstra apatia, dificuldade de aprendizagem. O pai adotivo se separou da família quando a criança estava com 1 ano. Ambiente familiar: regular, a mãe adotiva tem hábitos de corrigi-lo batendo, principalmente porque a criança gosta de ficar na rua. A criança relata que fica com raiva quando a mãe porque bate nele, o que o leva a enfrentá-la com agressividade.

A criança em foco foi adotada por três pessoas, sua mãe biológica o doou com 1 dia de nascido, instalando-se um sentimento de desprazer e desamparo, numa fase extremamente delicada e frágil.

De acordo com Spitz (2004, p.99), “o papel totalmente abrangente da mãe no aparecimento e desenvolvimento da consciência do bebê e a participação vital que tem nesse processo de aprendizagem”. Essa criança teve que quebrar o vínculo com a mãe biológica de forma dolorosa, podendo suscitar frente a essa falta, o próprio sentimento de menosvalia. O papel do afeto na relação mãe-filho, para Spitz (2004, 99): “Criam na relação mãe-filho o que denominamos clima emocional favorável, sob todos os aspectos, ao desenvolvimento da criança. São os sentimentos maternos em relação ao filho que criam esse clima emocional”. Portanto, a falha na primeira relação objetal entre mãe-filho, poderá afetar

profundamente a estrutura emocional e ocasionar uma série de distúrbios, como é o exemplo de nosso caso acima, que demonstra retardo mental, dificuldades de estabelecer relacionamentos, dificuldades na fala e um comportamento muito agressivo e baixo limiar de frustração.

Para a UNICEF, o Estatuto da Criança e do Adolescente garante a todo menino e menina o direito à proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas públicas que permitam seu nascimento e desenvolvimento sadio e harmonioso. A força da lei, no entanto, não tem sido suficiente. Nossas crianças e nossos adolescentes, todos os dias, são vítimas de diversos tipos de violência. Têm seus direitos violados, sua vida ameaçada, seus sonhos interrompidos.

A história dessa criança é traumática sua mãe biológica era usuária de drogas, não estabeleceu nenhum vínculo afetivo com o filho, após o nascimento o entregou a um desconhecido, que devolveu a criança para mãe no mesmo dia, que repassou para outra família, que também não quis cuidar do recém-nascido, passando para a atual mãe adotiva que o acolheu por não ter filho do sexo masculino e suas filhas já estavam adolescentes. Desse modo, a terceira família mesmo com condições financeiras precária, acolheu a criança e no decorrer de seu desenvolvimento intelectual percebeu suas dificuldades comportamentais, motivando a procurar ajuda de especialistas, pois a criança sofreu traumas profundos em sua estrutura física, psicológica, emocional e neurologicamente, comprometendo seu comportamento social e mental, precisando de medicamentos para mantê-lo integrado socialmente, frente ao grau de comprometimento que foi em toda sua estrutura biopsicossocialmente.

### 4.3

#### **Resultados do Levantamento Documental através dos Roteiros de Anamnese do Centro de Apoio e Integração à Criança e ao Adolescente - CAIC**

O resultado dos levantamentos do Roteiro de Anamnese onde os pais e/ou responsáveis descrevem a história de vida da criança ou do adolescente, informando a identificação; filiação; motivo da consulta; acompanhamento

médico; histórico pessoal: gravidez, pré-natal, parto, pós-parto, alimentação; desenvolvimento psicomotor: linguagem, controle dos esfíncteres, tiques e manias; sexualidade; sono; escolaridade; atividade lúdica e sociabilidade; características da criança; ambiente familiar; antecedentes familiares e a criança do dia-a-dia.

Foram selecionados 60 Roteiros de Anamnese entre os meses de janeiro a dezembro de 2010, destes foram sorteados 6 casos, cuja amostra foi composta de crianças e adolescentes entre 7 e 13 anos.

Contudo, diante de dados importantes coletados dos 60 Roteiros de Anamnese, quanto grau de instrução dos pais, o motivo que os levou a procurar ajuda profissional para os filhos e o ambiente familiar, possibilitou vislumbrar de forma sistêmica a problemática intrafamiliar. Desse modo, optou-se por apresentar um breve perfil do total das famílias atendidas, o que possibilitará uma visão mais ampla dos casos atendidos no CAIC.

Os resultados do levantamento dos 60 casos, 41 crianças os pais são separados, neste caso algumas crianças vão morar com avós, tios e outras com o padrasto.

Ao ancorarmos a família estudada identificamos as formas de famílias monoparental, patriarcal e nuclear, os resultados demonstraram que 16 crianças moram com a mãe ou avós, identificando como família monoparental; 44 crianças convivem com os pais ou padrastos, identificadas como família patriarcal e nuclear cuja figura de autoridade é o homem.

Na questão de escolaridade, a maioria não completou o estudo: ensino fundamental incompleto, sendo: 20 pais e 20 mães; 3 pais são analfabetos e 4 pais tem nível superior completo.

A questão da violência doméstica proferida pelo marido à mulher 18 casos a criança assiste a violência física do pai contra a mãe; 43 casos apontam a violência dos pais, madrastas e padrastos praticam a violência física contra à criança e ao adolescente; 41 casos considerados como ambiente em desarmonia, isto é, com discussões, conflitos na dinâmica familiar.

Os 60 casos selecionados dos Roteiros de Anamnese os fatos de maior relevância que foram o comportamento agressivo e dificuldades de aprendizagem, sendo: 56 casos entre crianças e adolescentes apresentam comportamento agressivo em casa e na escola; 30 casos entre crianças e adolescentes apresentam

dificuldades de aprendizagem. Os motivos que levaram os pais e/ou responsáveis a procurar a Unidade de Saúde foram: comportamento agressivo; dificuldades de aprendizagem; comportamento de mentira e roubo; desobediência; confronto; comportamento de agitação; inquietação; irritação; não aceitam ordem; oposição; crueldade com os colegas e animais; desorganização em suas atividades; timidez; nervosismo; ansiedade; retardo mental; dificuldades na fala; desinteresse escolar; esquecimento; revoltado; repetência escolar; comportamento de auto-mutilação; isolamento; fuga do lar; tentativa de suicídio; epilepsia; transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e medo.

Todos os comportamentos apresentados pelos pais e/ou responsáveis sugerem que a criança e/ou o adolescente de algum modo foi impactado em seu comportamento através da dinâmica familiar oriunda de violência seja física, psicológica ou por negligência, comprometendo a estrutura física, psicológica e emocional da criança principalmente no aprendizado e comportamento agressivo.

Os motivos que podem interferir na dificuldade de aprendizagem vão desde inter-relações familiares de desarmonia, as brigas entre os pais, entre irmãos, a falta de moradia adequada, o desemprego, dificuldades de transportes, longas distâncias, onde a criança se desloca de casa para a escola, a carência alimentar e afetiva, o modelo inadequado dos pais, como a embriaguez do pai e até mesmo da mãe.

Os dados coletados através da prática profissional algumas mães relatam que não planejaram ter seus filhos e por isso tentavam abortá-los, outras ao engravidar sem o consentimento do pai, submetidas a cruéis agressões físicas, com chutes na barriga para que abortasse o filho. Quando não abortam abandonam os bebês ou os entregam a qualquer pessoa, como foi o exemplo do caso VI, que foi passando de mãos em mãos, transferido para a terceira família que o adotou, este, hoje apresenta problemas mentais leves, não consegue aprender, tem agressividade exacerbada e afrontar a mãe adotiva.

Segundo Minayo et al (2003, p.42), “entende-se que a violência, pela sua natureza complexa, envolve as pessoas na sua totalidade biopsicossocial, de forma dinâmica”. Dessa forma, a família está inserida num contexto social onde afloram mudanças que afetam a dinâmica intrafamiliar atingindo os mais frágeis que são as crianças e os adolescentes.

Minayo et al (2003, p.42-43) formularam: alguns consensos importantes pertinente ao fenômeno da violência,

[...] É o caráter eminentemente humano da violência que organiza de forma complexa as condições sociais e as especificidades mentais e genéticas com que se manifesta. E por serem humanas, suas expressões incluem significação e intencionalidade. Tem consistência a idéia de multicausalidade da violência, com ênfase no imbricamento dos fatores históricos, contextuais, estruturais, culturais, conjunturais, interpessoais, mentais e biológicos.

Sendo assim, a questão da violência doméstica é profunda e sistêmica, pois há um imbricamento de situações estruturais, pessoais, culturais, conjunturais, que levam o casal a agressão física e psicológica, afetando a vida de crianças e adolescentes, nossos futuros do amanhã, construindo um mundo interno recheado de raiva, ira, ódio, desesperança, carentes afetivamente, isolados e excluídos pela própria família, enveredando por caminhos inadequados capaz de atingir a interioridade do ser humano e sua expressividade.

Nesse sentido, as múltiplas faces da violência doméstica permeiam o meio familiar e social e se propagam nas esferas culturais, assinalando que a sociedade caminha para um caos social. A violência doméstica é desestruturante, angustiante e impactante, por extrapolar o ambiente familiar e se propagar na escola, na comunidade e na sociedade como um todo, influenciando e sendo influenciada pelas transformações estruturais, conjunturais, culturais e todas as formas de mudanças políticas e sociais.

Portanto, faz-se necessário inserir estratégias capazes de envolver a família, a criança e o adolescente, através de um trabalho preventivo, de medidas protetivas de acolhimento, aconselhamento familiar e assim promover a saúde mental, física e laços afetivos entre os grupos familiares, resgatando a auto-estima, a confiança de crianças e adolescente em prol de um mundo melhor.